

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 226

Assinaturas  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortas).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

## A CONFUSÃO DOS DOIS ERARIOS

O Debate vem publicando ha tempos curiosos artigos sobre a *confusão dos dois erarios*. Não é bem uma campanha. E' uma formação de culpa, a instrução de um processo que ha de ficar na historia como um dos documentos mais eloquentemente demonstrativos da torpeza moral da nossa epocha.

Não é só a tremenda illegalidade, para não lhe chamar outro nome, do desvio de dinheiros do estado. Não é só a espantosa quantia gasta em favor da familia real além d'aquella que a lei lhe destina. E', sobretudo, a impudencia com que todos os governos tem commettido esses attentados.

O sr. Dias Ferreira escreve no *Tempo*:

«Quando se tratou de fortalecer o poder real gastaram-se centenas e centenas de contos sem plano nem estudos para abrir a estrada de Setubal ao Outeiro, unicamente por servilismo e mais baixezas para com o chefe do estado.»

E acrescenta:

«Demo-nos por felizes se o rei não significar o mais pequeno desejo de grandes despesas nos paços reais, porque os ministros irão adiante d'elle.»

O supremo attentado é este. Num paiz carregado de tributos, onde a vida é carissima, n'um paiz em bancarrota, gastam-se centenas e centenas de contos de réis por *servilismo e mais baixezas para com o chefe do Estado*.

Num paiz onde as classes pobres definham á mingua, onde a raça enfraquece rapidamente por falta de alimentação sufficiente, n'um paiz onde o pão custa o dobro do que custa na Inglaterra e outros paizes da Europa, onde o assucar custa mais do dobro, e assim todos os generos e artigos indispensaveis á vida, os ministros gastam centenas e centenas de contos *unicamente por servilismo e mais baixezas para com o chefe do Estado!*

E supporta-se isto! E ha quem affirme que Portugal é um paiz civilisado!

O sr. Dias Ferreira fala em centenas e centenas de contos. Seria mais verdadeiro se falasse em milhares e milhares de contos. Quem escreve estas linhas ouviu dizer ha dias, a pessoa competentissima, que a *confusão dos dois erarios* tinha custado ao paiz, nos ultimos 4 annos, 14:000 contos de réis!

Cada habitante da Inglaterra consome, annualme, 50 kilos de carne. O da França 35 kilos. O da Roumania 34. O da Servia 34. O da Noruega 32. O da Hespanha 29. O de Portugal 20.

O portuguez e o italiano são os que comem menos carne na Europa.

Pois á custa da saude, da vida dos habitantes de Portugal, gastam-se milhares de contos a satisfazer caprichos, e é tal a cruza d'alma d'esses que nos governam, que basta o rei significar o mais pequeno desejo para que os ministros satisficam o triplo do que elle deseja.

Isto não se viu ainda em paiz nenhum medianamente civilisado. Vê-se na Turquia e vê-se em Marrocos. Com a pequena differença de que os marroquinos revoltam-se a cada instante. E os portuguezes não só aturam que os arrebentem de fome, como aturam ainda que os insultem.

Osem elles fazer ouvir o minimo protesto, atrevam-se á menor tentativa de revolta, e verão como todos os seus exploradores se unem para o esmagar. Todos falam na *ordem*. Todos offerecem auxilios e apoio ao governo para *dar para baixo*. Com uma audacia, com uma insolencia, com um cynismo que é o cumulo da affronta!

Gastam milhares de contos por servilismo e mais baixezas para com o chefe do Estado, como affirma o sr. Dias Ferreira. Se o chefe do Estado mostra desejo como dez elles satisficem como trinta. Mas assim que o povo protesta na praça publica, ei-los arrogantes, ei los valentes a assumir responsabilidades e a proclamar valentias.

Não conhecemos na historia exemplo de tamanha impudencia!

### REGISTO CIVIL

O nosso prezado amigo, e illustre tenente de infantaria 14, José da Fonseca Lebre, fez registrar na administração do concelho de Vizeu o nascimento d'uma sua filha, sendo testemunhas os nossos não menos prezados amigos capitão Adolpho Lebre e Messias do Amaral.

D'onde se vê que razão tinham os diabos dos carolas de Vizeu, onde esta praga abunda, para odiar de morte o nosso amigo capitão Homem Christo.

Foi este quem deu o exemplo. Os diabos dos carolas não queriam o exemplo nem á mão de Deus padre. E os diabos dos carolas tinham razão, porque o exemplo fructificou.

O que tem graça é que os militares estão em maioria no registo civil de Vizeu. O primeiro que reclamou o registo civil n'aquella cidade foi o capitão Homem Christo. O segundo foi o general Miguel de Figueiredo. O terceiro foi o director da *Voz da Officina*. O quarto foi o dr. Eduardo David e Cunha. O quinto foi o tenente José Lebre.

Tres militares contra dois paizanos.

E' forçoso que os paizanos tirem a desforra.

## PARTIDO REPUBLICANO

A *Resistencia* n'um artigo intitulado *Partido republicano*, dizia no ultimo domingo que esse partido tem realmente praticado erros e injustiças, que deve confessar lealmente, dizendo a *verdade inteira sobre o seu passado de anarchia e de esterilidade*.

«Mas, acrescentava, se por um lado cumpre confessar essas injustiças e erros, por outro lado é também necessario que os nossos correligionarios não se fiquem a relembrá-los, com o fito de só avivarem resentimentos e exacerbar paixões, buscando no passado argumento a justificarem o seu retrahimento presente.

Não se comprehende, nem se admite uma tal obstinação, e fracos, bem fracos, se mostrarão aquellos a quem a lembrança de antigas disputas recluir n'uma definitiva abstenção.

Que seria das idéas se só tivessem a propulsa-las homens assim sensiveis, de tão feminis melindres, que na prática do seu culto, na sua evangelisação, nas tentativas para decisivamente as imporem, só contassem com a veneração e a justiça dos homens, esquecendo que para os converter é preciso soffrer, através um longo apostolado, a sua repulsa, o seu odio, duros sacrificios e cruéis desesperanças!»

Isto é comnosco. Não ha duvidas nenhuma a tal respeito. E é comnosco porque só o *Povo de Aveiro* se referiu ás injustiças e aos erros do partido republicano, lembrando que era muito mau que os partidarios não os confessassem.

Ora sendo comnosco melhor teria sido que a *Resistencia* o declarasse logo francamente.

E' comnosco, mas é mal cabido. A *Resistencia* esqueceu-se de que não pertencemos ha muitos annos ao partido republicano. Quantas vezes será preciso confessá-lo? Desde 1891 até hoje temo-lo dicto cem vezes, pelo menos. Achamos que é sufficiente.

Não pertencendo ao partido republicano, como podemos nós buscar no passado argumento a justificar o nosso retrahimento presente?

Não temos que nos retrahir, nem que deixar de nos retrahir. Basta que fiquemos onde ha muitos annos temos estado.

Se a *Resistencia* n'esse ponto foi irreflectida, foi injusta, sem deixar ainda de ser irreflectida, quando admitiu a hypothese de nós relembrarmos injustiças e erros com o fito de avivar resentimentos e exacerbar paixões. Lealmente declarámos já que estamos promptos a applaudir e a auxiliar todos os esforços dos republicanos, resalvando apenas a nossa independencia e liberdade d'apreciação.

Ainda injusta e irreflectida foi a *Resistencia* quando falou em *feminis melindres*, e na *veneração e justiça dos homens*. Ninguém tem desprezado mais do que nós a *veneração dos homens*. Sempre o demonstrámos. A toda a hora o demonstrámos. Não temos duvida nenhuma em reconhecer, com muito gosto até o reconhecemos, que não temos o minimo direito a ella. Mas também é certo que nunca fizemos o menor esforço para a obter. Não se obtem *venerações* á vergalhada.

Quanto aos *feminis melindres*, são de tal ordem que temos aguentado, sósinho, o embate de cen-

tenares de biltres, precisamente por affirmarmos a verdade e por defendermos os principios. E nem por nos arremessarem lama e pedras de todos os lados deixámos de continuar affirmando a verdade e defendendo os principios.

No nosso posto, a propulsar idéas, sem descanso, a trabalhar praticamente pela emancipação das grandes multidões e não a fazer discursos,—não se esqueça o collega de que é facil palrar e aconselhar mas difficil trabalhar e executar—n'esse posto, sem desanimo, sem desaleito, sem preguiça, nos temos mantido sempre. E, francamente, momentos houve, periodos largos até, em que não vimos na mesma attitude e no mesmo proposito nenhum d'esses homens que não tem *feminis melindres*.

A questão, portanto, é outra e resume-se em poucas palavras.

A questão é esta: nós não servimos de nada ao partido republicano. Nada valemos para elle. Que vamos lá fazer?

Quando foi do 31 de Janeiro fomos nós o unico que o aconselhou lealmente. O unico que teve a coragem de affirmar opiniões. Fomos nós, o demagogo, o discolor, o atrabiliario, o unico que, firmemente, recommendou prudencia. Conheciamos muito bem o exercicio, como ainda hoje o conhecemos. Sabiamos que seria facil fazer uma insubordinação, mas muito difficil fazer uma revolução. Conheciamos os habitos, as tendencias, o estado de espirito dos officiaes, e lamentavamos que meia duzia de patetas, que se diziam chefes revolucionarios, tomassem como sólidas adhesões umas promessas illusorias e falsas. Os officiaes retrahiam-se. Não havia duvidas para nós. Sabiam para a rua dois ou tres ingenuos. Os outros ficavam á *reclaguarda*. E, sem officiaes, aquillo, com mais ou menos sangue, degenerava n'uma verdadeira bambochata.

Assim o dissémos. Não o dizemos hoje. Dissémo-lo logo. Dissémos mais, na frente de todos os sábios, de todos os patriarchas, de todos os grandes homens do partido republicano reunidos. Dissémos: «o partido republicano é vencido e, depois, é esmagado. A monarchia fecha-lhe os clubs, amordaça-lhe a imprensa, commette a salvo todos os attentados. E o partido ficará, por muitos annos, sem força para coisa nenhuma.»

Os sábios, os patriarchas, os grandes homens, começaram por se rir e acabaram por se vingar ferozmente da nossa atilada previsão. Termos nós, o demagogo, visto as coisas com mais tino e acerto do que elles, era coisa que não se podia perdoar. E vingaram-se, como se vingou, com injurias e infamias sem nome, todo o partido republicano.

A monarchia deu nos a maior honra, que se póle conceder a um adversario, e exauctorou todos os outros chefes republicanos—os patriarchas e os sábios—da maneira mais ultrajante porque um chefe politico póle ser exauctorado. A monarchia, a nós, prendeu-nos. A monarchia, a nós, considerou-nos um homem perigoso. Aos outros, aos patriarchas, aos sábios, passou-lhes, politicamente, diplomas d'anos chapados. Teve por elles o mais profundo, o mais

absoluto desprezo. Exauctorou-os. Deshourou-os. Comtudo, foram esses os que o partido republicano adorou, os que o partido republicano elevou, os que o partido republicano volta a adorar e a elevar. Que temos nós que fazer em tal partido?

Nós, tendo aconselhado prudencia, tendo previsto, com a maior nitidez, os acontecimentos, fomos coberto de accusações infamantes e votado ao ostracismo pelos republicanos. Não obstante termos aconselhado prudencia, a monarchia julgou-nos o unico—honra immerecida, concordámos, mas um facto, no entanto—capaz de fazer alguma coisa. Fomos o unico, dos chefes eleitos, que ella mandou encerrar. O sr. Emygdio Navarro, n'um celebre artigo publicado nas *Novidades* em 13 de fevereiro de 1891, que vale a pena ler ainda hoje, porque affirma varias verdades,—já é escusado contestá-lo—recommendava vivamente á monarchia que nos esmagasse. Nunca lhe quizeimos mal por isso. Era um inimigo. Um inimigo leal, que nem por pedir a nossa inutilisação deixava de fazer, ás nossas qualidades pessoas, n'essa hora solemne de odios profundos e sede de vingança, a justiça que os republicanos nunca nos fizeram.

Eramos uma das cabeças dirigentes mais perigosas. Era preciso que não houvesse comnosco a minima contemplação. Assim o proclamava o sr. Emygdio Navarro. E só escapámos porque tivemos a habilidade ou a ventura de fazer desaparecer todas as provas que nos podessem entalar.

Pois ao mesmo tempo que a monarchia nos distinguia e honrava d'essa fórma, com actos e palavras, ao mesmo tempo que tratava os outros chefes republicanos com o mais absoluto desprezo, considerando-os verdadeiramente inoffensivos, os republicanos votavam-nos um odio tão profundo que ainda hoje é intenso e vibrante.

Porque? Evidentemente, porque nós eramos um elemento activo, de combate e de trabalho, contra a monarchia e a favor dos republicanos.

Os republicanos nunca se dêram bem senão com declamadores, com poetas, com patriarchas, com nepheleatas. Um homem pratico, trabalhador, pensando a direito e vendo o mundo como elle é, foi sempre para elles um elemento impertinente e incommodo. Repellem-no. E se elle atei-ma, odeiam-no.

Não é, pois, por *feminis melindres* que nos conservamos na attitude em que nos temos mantido até hoje. Não esqueçamos, innegavelmente, nem perdoamos, as offensas recebidas. Mas não hesitariamos em suffocar o grito da nossa consciencia, se vissemos que d'ahi resultaria um bem para a causa republicana ou para o paiz.

Mas não. Nós só iriamos perturbar o côro d'archanjos, a musica celestial que começa, já, a ouvir-se, no campo republicano.

E o nosso valor é tão mesquinho, ao pé de tantos oradores, de tantos escriptores, de tantos sábios, de tantos patriarchas e de tantas esperanças, que, realmente, seria um crime que um tocador de pifre fosse desarra-

Jar uma orchestra tão harmoniosa.

Não. Lá isso não. Ficámos onde estávamos. Mas decidimo, creiam-no, a dar palmas e não a dar pateada.

Já o dissémos. E não cessaremos de o repetir.

Ficámos onde estávamos e nem o partido republicano deseja outra coisa. Enganam-se aquelles que julgam o contrario. As camarilhas do partido republicano, que são as mesmas, odeiam-nos hoje tão profundamente como nos odiavam ha treze annos. Não hesitamos em o confessar.

Ora, n'essas condições, seria verdadeira loucura forçarmos a consciencia dos outros forçando a nossa propria consciencia.

As coisas ficam bem assim, porque ficam a contento de todos.

E d'esta fórma respondemos não só á *Resistencia* como aos amigos que nós teem escripto sobre o assumpto.

**Aos Interessados**

Durante todo o mez de dezembro devem todos os commerciantes mandar conferir as suas medidas de liquidos e seccos.

**O REBOCADOR**

Parece, enfim, resolvida a questão do rebocador. Vae Aveiro ser dotada com mais esse melhoramento de necessidade inadiável.

A quem é devido? Ao sr. dr. Homem de Mello, que não cessa de prestar relevantes serviços a esta terra, e ao sr. dr. Carlos Braga, governador civil d'este districto.

O proprio sr. governador civil declarou que quando chegou a Lisboa encontrara já o terreno aplanado pelo sr. dr. Homem de Mello.

Mas não de vêr que a canalha ha de desdenhar d'esse grande serviço, como sempre tem feito. Não ha politica mais perniciososa aos interesses d'esta terra, e mais indigna, do que a politica seguida pelo bando que obedece a Jayme de Magalhães Lima e a Barboza de Magalhães. Nenhum d'estes homens tem prestigio, influencia, qualidades pessoas para conseguir qualquer coisa de importancia. E ambos procuram impedir que os outros façam o que elles não podem fazer.

A canalha que os segue, essa indignamente diz mal de tudo, indignamente calumnia tudo, indignamente reputa mesquinho ou mau quanto de mais proveitoso e melhor se vae fazendo em favor de Aveiro.

E' vêr a attitude da *Nova Corneta do Diabo* em face dos melhoramentos levados a cabo pelo sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Felizmente o *Povo de Aveiro* tem apoiado energicamente os homens que estão prestando á cidade e ao concelho os mais relevantes serviços.

Tivémos sempre a boa sorte de vêr, o que convinha e o que não convinha aos progressos da terra, com a mesma energia applaudindo o que era bom e reprovando o que era mau.

Nunca fizémos, na localidade, a politica de ninguem. Fizémos e havemos de fazer a politica mais conveniente á causa da liberdade e dos interesses locais.

D'ahi não sahiremos.

P. S.—Acabamos de saber, porque no-lo diz um amigo, que

a papeleta nunca nos vem á mão, que o *Campeão das Provincias* attribue a vinda do *Rebocador* á influencia exclusiva do sr. governador civil.

Percebe se. O sr. governador civil tem merecido da corja todas as acusações infamantes. Mas como não é influente politico em Aveiro, pouca importa que, por uma vez, se lhe attribua importancia.

Ora sendo certo que o sr. governador civil prestou relevantes serviços na questão do rebocador não é menos certo que é o sr. governador civil o primeiro a confessar que o sr. Homem de Mello prestou, pelo menos, tantos serviços como elle.

Ou seria Jayme Lima?  
Ou seria Barboza de Magalhães?  
Que sucia!

**Desastre no mar**

Em Ponta Delgada e durante um violento temporal, foram varridos do convez do lugre *José Estevam*, d'esta praça, 3 rapazes, sendo um d'esta cidade e dois d'Ihavo, que seguem a bordo como marinheiros.

**QUESTÕES AGRICOLAS**

Sob este titulo, lê-se no *Popular*:

Ao nosso collega o *Povo de Aveiro*, podemos affirmar que o *Popular* nunca disse, nem pessoa alguma séria, o poderá fazer, que o sr. Joaquim Belford tem consentido em falsificações de vinhos e azeites.

Pelo contrario a fiscalisação a cargo do sr. Belford tem prestado importantes serviços, tanto pelo que respeita a vinhos, como a vinagres e azeites.

Temol-o aqui provado com dados estatísticos e dispensado no inspector geral dos vinhos os louvores que merece.

Demais, quem conhece o sr. Joaquim Belford, os seus serviços á agricultura, e sobre tudo o seu caracter e seriedade, não pôde, nem deve pôr em duvida quanto se deve a um homem de bem.

A isto respondeu já muito bem, no seu artigo editorial de segunda-feira ultima, o nosso prezado collega *Diario da Tarde*.

O *Povo de Aveiro* não se referiu ao *Popular* por motivo do sr. Belford, mas sim por motivo de umas considerações do sr. Marianno de Carvalho que, por signal, achámos muito justas, por isso que ninguem diz melhores verdades a proposito da nossa situação agricola, e da nossa situação economica em geral, do que o sr. Marianno de Carvalho, quando está em disposição de as dizer. Ao sr. Belford, que não temos a honra de conhecer, referimo-nos indirectamente, tratando dos excellentes artigos que o *Diario da Tarde* tem publicado.

Ora é extranho, como faz notar o *Diario da Tarde*, que a rectificação seja feita ao *Povo de Aveiro* e não ao brilhante jornal portuense.

E' o que temos a dizer sobre o assumpto.

**Contribuições**

Até ao dia 10 do corrente recebem se na repartição de fazenda reclamações para annullação de contribuição industrial.

Tambem até ao dia 15 está patente ao publico a matriz da contribuição predial, podendo depois reclamar no prazo de 90 dias os interessados que se acharem lesados.

**Club Mario Duarte**

Este florescente club projecta dar no proximo dia 26 um importante baile.

**Cartas d'Algures**

4 DE DEZEMBRO.

Antes de passar ao ponto especial, a que me referi ao terminar a ultima carta, seja-me permitido insistir ainda sobre a questão gravissima da decadencia physica da nossa raça e do atrazo intellectual do nosso povo.

E' sabido que a quantidade e a qualidade do trabalho dependem de varios factores, entre os quaes se podem contar como mais importantes a vontade, o saber e a alimentação.

E' claro que quem não quer trabalhar, não trabalha. Se tem pouca vontade produz pouco e mal. Se tem muita vontade produz muito e bem. E ou seja engenheiro, ou seja trabalhador de enxada. Ou occupe o mais alto ou mais infimo logar da burocracia.

Mas, em egualdade de vontade, produz mais e melhor o que mais pôde e o que mais sabe.

Ora, em relação aos povos cultos, aos povos civilizados, aos povos progressivos, o portuguez não quer, o portuguez não pôde, o portuguez não sabe.

Eis, em pouquissimas palavras, o principal motivo, senão o unico, d'essa carestia universal a que o sr. Marianno de Carvalho se refere.

O portuguez não quer. Todos nós conhecemos a nossa preguiça, que é immensa. Preguiça no campo e preguiça na cidade. Preguiça na agricultura e preguiça na industria. Preguiça na burocracia civil e militar, em ricos e pobres, em nobres e plebeus.

Isto é um grande paiz de mandriões. N'esse ponto é talvez o maior do mundo civilizado. Temos essa grandeza. Alguma haviamos de ter.

O portuguez tem verdadeiro odio a quem o faz trabalhar. Chefe de repartição, commandante de regimento, patrão, mestre, maioral, olheiro, capataz, que obrigue os seus subordinados a mexer-se, é logo tido por tyranno e logo desperta a má vontade, a guerra, declarada ou surda, o rancor profundo d'elles todos.

Nem mesmo com uma sentinella ao lado de cada portuguez nós conseguiriamos fazer d'este povo um povo trabalhador, por isso que a *cábula* e a *cêra* constituem entre nós uma verdadeira arte, uma verdadeira sciencia. O trabalhador do campo, o trabalhador de construcções, o trabalhador de fabricas, o estudante, o professor, o militar, o burocrata sabem fazer *cêra* e *cabular* mesmo com sentinella á vista.

N'essa primeira fatalidade esbarram todas as leis, por melhores que sejam, e todos os esforços de patriotas e legisladores intelligentes. Uma lei boa começa por provocar a conspiração de todos os que a hão de executar, se ella impõe alguma responsabilidade e algum trabalho aos seus executantes, e acaba por levantar um côro geral de indignações, habilmente preparado e atizado pelos conspiradores.

O que essa preguiça nos tem custado de milhões e milhões, não é facil calcula-lo. Mas que tem sido uma das causas da nossa profunda decadencia, do nosso espantoso atrazo, não offerece duvidas a ninguem.

Eis a primeira causa da nossa *carestia universal*. Um povo que não trabalha, que não produz, ha de possuir muito menos do que aquelles que trabalham, do que aquelles que produzem.

Mas, ainda que queira, o portuguez não pôde. Eduquem a vontade. Façam-n'a vir, façam-n'a surgir. Afugentem a preguiça. Façam d'este povo um povo honesto e trabalhador. Démos um passo, um grande passo para deante, incontestavelmente. Mas não basta.

Ainda ficámos abaixo do estrangeiro. Queremos, como elle. Mas não podemos tanto como elle.

Nós sômos o povo que come menos carne e que come menos pão. E se não sômos o que come peor carne, sômos, innegavelmente, o que come peor pão. A primeira coisa a notar é que as farinhas não são boas, em parte filho das más qualidades dos trigos nacionaes, em parte filho das falsificações dos moageiros. Tudo mercê da famosa lei dos cereaes.

Os lavradores, com a venda certa por um preço fabuloso, não seleccionam as sementes, não fazem aperfeiçoar, melhorar, progredir as suas culturas. Invadem o mercado com trigos rijos e todos aquelles que lhes dão menos trabalho e despesas.

Os grandes moageiros, se é anno de boa colheita atiram-se á *candonga* e ás *falsificações*. Se é anno de má colheita, melhor. Então deitam foguetes por um duplo motivo: com largo quinhão no rateio, quinhão escandaloso, obtido por artes varias uns á custa dos outros e todos á custa dos moinhos, das azenhas, das pequenas fabricas, importam grande quantidade de trigo estrangeiro; e com o trigo americano, o trigo palhinha, que lhes faz a farinha branca—lotes certos—podem mais desafogadamente misturar a farinha de centeio, de milho branco, de fava e de trinca d'arroz. Graças a Deus quando não misturam o kaolino e o serrino!

A grande culpa, porém, não é d'elles. E', antes de tudo e acima de tudo, da famosa, da famosissima lei dos cereaes, titulo de sobra para immortalisar os nossos estadistas.

A primeira coisa a notar é, portanto, a má qualidade das farinhas. A segunda é o mau fabrico do pão, devido á geral ignorancia dos padeiros e á preguiça de que já acabámos de falar. Sobretudo na Manutenção Militar esta preguiça é de resultados deploraveis.

Quasi todos os nossos padeiros ignoram os principios scientificos mais elementares que presidem á fermentação. Lá fóra existem já apparatus destinados á preparação dos fermentos, como é o apparelho Wick. E apparatus destinados á conservação dos fermentos, como é o apparelho Dalthis, simples ou com registador electrico. Entre nós reina a tal respeito a mais absoluta ignorancia. Se as farinhas, muitas vezes, já de si são acidas, os fermentos completam e exacerbam a acidez, com prejuizo da saude publica. Em Lisboa está isso melhor. Não só a industria de panificação vae allí progredindo bastante, como é lá maior a vigilancia da fiscalisação. No Porto não sabemos. Mas afóra Lisboa e Porto—se no Porto não são tão sensiveis, tambem, os inconvenientes apontados—no resto do paiz é uma verdadeira desgraça.

Os erros na preparação e conservação dos fermentos são augmentados pela impericia e preguiça na amassadura, que requer trabalho e arte. O pão da Manutenção Militar, que é amassado com pouca arte e trabalho quando é amassado á mão, e com a mesmia impericia e preguiça quando é amassado nos amassadores mechanicos, que sendo muito bons teem inconvenientes que é preciso conhecer e saber remediar, sahe, sobretudo nas succursaes, geralmente detestavel.

Em Portugal é grande ainda o consumo de pão trigueiro e corre entre nós que é esse o mais alimenticio. Ora pelas experiencias feitas em França e na Alemanha está demonstrado que é o pão branco o mais alimenticio. Pelos systemas de panificação propostos por Mège-Mouriès, é facil, porém, fazer com farinhas trigueiras pão de irreprehensivel alvura.

O portuguez, pois, come pouca carne—ninguém come menos do que elle no mundo civilizado—come pouco pão—ninguém o tem mais caro no mundo civilizado e por civilisar—e o pão que elle come é, ainda por cima, de inferior qualidade.

Isto é, além de não querer, o portuguez não tem ração, não tem alimentação para trabalhar tanto como trabalha o estrangeiro. Póde querer, que não pôde.

E é tudo? Não. Não é tudo ainda. Infelizmente!

Não quer, não pôde e não sabe. E não sabe!

Eis as grandes causas da nossa *carestia universal*. E não é preciso ir a Coimbra para as descobrir. Mesmo porque... quem a *Coimbra vae* e de *Coimbra vem*, se burro vae, burro vem.

Deixae-vos de philosophias, homens da minha terra. Deixae-vos de theorias sem fim. Ponde de parte tanta sabedoria. N'isso tem o sr. Marianno de Carvalho caradas de razão. Abarrotamos de sábios! Estoiramos de sciencia! Deixae-vos d'essas coisas. Menos versos, menos discursos, menos chinezices, e mais reflexão, e mais timo, e mais portugezismo. O problema é simplicissimo, é dos *immortaes principios*, de que todos tendes troçado cynicamente, mas alvarmente tambem. Sim, é dos *immortaes principios*. Foi posto e agitado no seio da *Convenção Nacional*. E o tempo tem feito com elle o que tem feito com todos: illuminou-o e confirmou-o.

O problema é este: *pão e educação*.

Sem educarmos este povo e sem o alimentarmos, todos os palanfrorios são inuteis.

A. B.

**1.º de Dezembro**

Conforme o tempo o permitiu, festejaram os nossos academicos o glorioso anniversario do 1.º de dezembro de 1640, pondo nos ares a nota entusiastica e vibrante da mocidade patriota.

Um dia cheio para os bons rapazes e um parenthesis ás suas lides escolares para nos lembrar a todos a data immorredoura em que foi sacudida pelos nossos antepassados a vergonhosa tutela do estrangeiro.

No largo municipal tocaram tres musicas, alternadamente, e foi queimado bastante fogo.

A' noite houve opiparo banquete onde reinou sempre a melhor fraternidade.

**Approvação**

Foi superiormente approvedo o orçamento da camara, para o anno economico de 1904.

**Roubos nos mercados**

Não é raro ouvirmos queixas a diversos pelo mau policiamento dos mercados do concelho e suas proximidades, o que dá occasião a varios e repetidos furtos. Na passada feira dos 13 roubaram a Mannel Luiz Ferreira, da Gafanha, 38:500 réis; a João d'Almeida, tambem d'ali, 33:000 réis e a Jacintho Ramos 17:000 réis.

Todos estes individuos levavam estas importancias para comprarem o cevado que lhes havia de governar a casa durante um anno inteiro. E lá ficaram sem cevado, sem dinheiro, e o que é mais, dizem-nos que o pobre João d'Almeida, que é um pobre trabalhador das obras da barra, quasi sem juizo, tal a impressão moral que recebeu.

No mercado da Oliveirinha tambem no dia 21 se deram alguns roubos, chegando os populares a prenderem um gatuão, que apanharam em flagrante delicto e que depois foi conduzido debaixo de prisão para esta cidade.

Torna-se pois preciso e urgente que se dê caça a essa casta de *amigos do alheio*, porque ninguem anda em secego por taes mercados.

O PADRE

Deixaremos, para o numero seguinte, a demonstração, que tínhamos promettido, das vantagens materiaes e moraes que teem resultado para Aveiro da nossa attitude independente, patriótica e justa, na politica local.

Hoje acabaremos de pôr a nù o caracter vil, torpe, canalha, d'esse papa hostias, d'esse ministro de Deus, d'esse unguido do Senhor, que dá pelo nome de padre Manuel Rodrigues Vieira.

O malandro vomita todas as baboseiras contra o sr. capitão Homem Christo, e envia o pasquim, pelo correio, a todos os indivíduos que conhecem aquelle nosso amigo, esquecendo-se, na sua constante imbecilidade, de que as suas asneiras poderiam ter algum valor para quem não conhecesse aquelle nosso amigo mas que não teem valor nenhum para quem o conhece.

Tanto mais imbecil, tanto mais asno, quanto é certo que uma das grandes injurias dirigidas por elle ao sr. capitão Homem Christo é exactamente aquillo que maiores sympathias tem valido em todo o paiz a este official: a missão patriótica, que voluntariamente se impôz aquelle nosso amigo, de ensinar as primeiras letras aos soldados da sua companhia.

Para tomar isto como motivo de injuria, como pretexto para abocanhar e ridicularisar, é preciso que o miseravel, que todos os dias bebe o sangue de Jesus e todos os dias papa o corpo do filho de Deus, seja um verdadeiro pulla. Mas é preciso que seja, tambem, uma cavalgadura estreme.

E' o que nós temos dicto sempre: o biltre é o gaiato mais impudico, mais descarado, mais nojento, e, ao mesmo tempo, mais alvar e mais bronceo, que se pôde imaginar.

E é padre! Como tal, guia e exemplo das multidões!

E é padre! Como tal, representante de Deus na terra, com poderes para purificar, para resgatar, para salvar almas dos pecadores!

Vejam se ha coisa mais irrisoria! Vejam se a infamia clerical não attingiu aqui os ultimos requintes!

Tão réles, tão porco, tão boçal, que nem tem phrases suas para injuriar os outros. Que nem sabe dar corpo e arte a meia duzia de palavras. Aproveita-se de todas as palavras escriptas aqui, dirigindo as contra nós sem verdade, sem consciencia, sem criterio, sem cabimento, sem arte, n'uma prosa que tanto demonstra a sua pobreza moral, como a sua pobreza intellectual.

O verdadeiro garoto! Mas garoto d'aldeia. Creado na escola dos guardadores de porcos.

O sr. capitão Homem Christo foi louvado, no mez de setembro de 1900, em ordem de divisão. Com grande pasmo, nosso, vimos na *Vitalidade* n.º 289, de 4 de novembro de 1900, sob o titulo *Louvores merecidos*, o seguinte:

«O nosso distincto patriocio, sr. capitão Francisco Manuel Homem Christo, que é conhecido como um dos mais illustres officiaes do exercito e um dos mais strenuos promotores e mantenedores da disciplina militar, foi ha pouco louvado em ordem da 2.ª

divisão militar e da 4.ª brigada de infantaria pelos serviços que prestou na ultima instrucção de reservistas.

O sr. capitão Christo embora seja indifferente a outras manifestações de apreço official, não pôde deixar de ter legitimo orgulho em captar tão honrosas referencias da parte dos seus superiores, referencias que honram sobre maneira o seu nome e os seus brios militares. E' uma homenagem digna e bem merecida pelo sr. Christo em toda a sua carreira, e a que sinceramente nos associamos.»

Lêmos e pasmámos porque o malandro—que é o requinte da infamia clerical—ainda pouco antes tinha franqueado as columnas do seu jornal a outro roupeta, para ser injuriado o sr. capitão Homem Christo.

Não obstante, como o patife, falso como Judas, apregoava por toda a cidade que não tinha responsabilidade nenhuma n'aquellas injurias, agradecemos no *Povo de Aveiro* de 11 de novembro do mesmo anno, declarando que o procedimento do pasquim era sympathico e digno «principalmente, accrescentavamos, dados certos antecedentes em que é inutil falar agora, e o sr. capitão Homem Christo ha de ficar necessariamente reconhecido ao collega da localidade pela isenção de que acaba de dar provas.»

Os antecedentes eram as taes injurias do outro tonsurado, permissidas pelo padre Vieira.

A *Vitalidade* não ficou por ali. No seu n.º 292, de 18 de novembro, dizia:

«O *Povo de Aveiro* tem palavras delicadas para as justas referencias que fizemos á illustração do sr. capitão Christo ao transcrevermos a ordem de divisão em que foi louvado. Devemos accrescentar, agora, que, sem animo algum de servilismo, já n'outra occasião demos testemunho de homenagem ás qualidades d'intelligencia e de estudo do brioso militar, nosso patriocio, e antigo condiscipulo de quem escreve estas linhas.

Infelizmente, então, os nossos intuitos não poderam ser entendidos, ou não fomos bastante claros, gorandose da parte do *Povo de Aveiro* a cordialidade que desejavamos e seria de justiça. Se d'ora ávante conseguirmos o desideratum, muito o estimaremos.

Tem o *Povo de Aveiro* vistas largas sobre o futuro dos homens e sobre a constituição das sociedades. Menos entusiasmados, ou mais descrentes, nós não o podemos acompanhar n'esses vôos d'agua; mas a estreiteza do horizonte em que exercemos a nossa actividade não obsta a que prestemos respeito e justiça a quem a tenha uma vez que a comprehendamos.

Se pôde haver sinceridade em explicações publicas, vae n'estas singellas palavras toda a nossa sinceridade.»

Quem podia deixar d'acreditar n'um patife, que escreveria de tal fórma? Ninguem. E como as explicações eram cathgoricas, expontaneas e nada deixavam a desejar em relação ao nosso melindre pessoal, respondemos no *Povo de Aveiro*, de 25 de novembro, que agradeciamos as boas palavras da *Vitalidade* e que ficavam desfeitos todos os equívocos entre nós. «Acreditámos hoje abertamente, diziamos, na sinceridade do redactor da *Vitalidade*.»

Em 1901 foi o sr. Homem Christo novamente louvado em ordem de divisão. A *Vitalidade* n.º 332, de 25 de agosto d'esse anno, publicando o louvor, dizia:

«Quem escreve estas linhas não vive na inveja dos meritos alheios, nem na ancia impotente de correr cegamente atraz d'elles; todavia, mercê de Deus, não lhe falta o sentimento

da justiça e da verdade, que manda prestar honra ao merito onde quer que elle esteja.

O sr. Christo pouco nos precedeu nas aulas do lyceu, e logo se distanciou muito de nós, indo sempre ávante, e prosperante, na carreira dos seus estudos, evidenciando-se bem cedo ainda pelo seu apego aos livros, pela sua intelligencia, e pelo seu espirito aventureoso e independente. Depois que se distanciou, nunca mais trocámos palavra.

Mas lembra nos ainda, e muito bem, dos seus primeiros artigos publicados n'um jornal da localidade, sob a rubrica de *Um estudante de Lisboa*. Revelava n'elles já a sua tendencia para polemicas rudes e sérias, em que logo se distinguia quando entrou, a valer, no jornalismo de combate.

O que, depois, foi, o que tem sido, e o que é, sabe-o o paiz, porque o sr. Christo é dos portuguezes de quem se fala em todo o paiz, pela sua illustração, pela sua energia, e pelo seu pessimismo, ou como melhor deva classificar-se, que o leva a descarregar duros golpes sobre tudo o que não quadra á fórma da sua orientação.»

Segue declarando que lhe parece que as opiniões e idéas do sr. Homem Christo são algumas vezes extremas—não transcrevemos todo o artigo por ser longo—e conclue:

«O merecimento do homem não está em metter-se debaixo dos outros: está em ser o que é. Se tem meritos, que se lhe faça justiça. Se tem competencia que lh'a procurem, que lh'a utilitem. Essa é que deve ser a norma. A maior baixa que pôde haver, está justamente em o individuo se rojar para subir, abdicando da sua dignidade para florear. Obscuro ou illuminado, poderoso ou humilde, o homem é grande sendo o que é, e não tendo vergonha de parecer o que é.

Ora n'esse campo o sr. Christo é uma individualidade. Se como escriptor, como polemista, se destaca e sobrelva a muitos mais, como militar é dos officiaes que mais honram o exercito pela sua illustração, pela sua observancia á disciplina e empenho em mante-la.

Por isso, por dever de consciencia fazemos a transcripção acima, associando-nos do melhor grado á homenagem prestada ao sr. Christo, e continuando a laborar pacatamente no nosso campo, com a nossa pobre bagagem, sem anciedades insoffridas e impotentes de qualquer especie.

E não duvidamos afirmar que o illustre militar não devia ser louvado só sob uma fórma generica; mas devia ter louvores especiaes, porque os seus meritos especiaes não podem ser ignorados; são, decerto, geralmente reconhecidos.»

Precisamente n'essa occasião foi o sr. capitão Homem Christo louvado tambem em ordem do exercito, o que fez com que o padre Manuel Rodrigues Vieira, a quinta essencia da canalhice padral, voltasse a dizer no n.º 333 da *Vitalidade* de 1 de setembro de 1901:

«Afinal de contas, o merecimento quando é real, cedo ou tarde é reconhecido. Já não é só em ordem de divisão que o sr. capitão Christo é louvado; tambem o é em ordem do exercito, como se vê do seguinte: (transcreve e continúa dizendo.)

Associamo-nos, mais uma vez, a estes louvores. São de justiça, são de inteira justiça, porque, sem offensa a ninguem, se pôde dizer que o nosso illustre patriocio é um dos officiaes mais distinctos do exercito portuguez. Em todos os regimentos em que tem estado, assim o tem evidenciado, confundindo os invejosos e insignificantes e determinando respeitos e sympathias dos que sabem dar apreço ao merito.»

A quinta essencia da canalhice padral! E' comparar o que o tratante diz hoje com o que dizia em 1900 e 1901.

Mas não é tudo.

Acreditámos, como já dissé-

mos, na sinceridade e lealdade do malandrim ignobil. Quem não acreditaria! E agradecemos tamanha effusão de ternura, com muito applauso do porco coroadado, que na papeleta de 8 de setembro, do referido anno de 1901, exclamava: «tinham sido as nossas palavras inteiramente sinceras e dictadas por um sentimento de convicção e de justiça, e se não fossem devidamente interpretadas por a pessoa a quem eram dirigidas, isso nos magoaria.»

Que grande malandro!

Na convicção da sinceridade do infame sotaina viemos vindo, sem, todavia, o sr. Homem Christo trocar com elle uma unica palavra, sem o conhecer de vista, sequer ao menos, até que o immundo latrinario se atreveu a dirigir-se, por meio de carta, áquelle nosso amigo, rojando-se-lhe aos pés com o servilismo repugnante de que ali fica exemplo. O sr. Homem Christo respondeu-lhe amigavelmente, como era o seu dever, e n'isso andavam quando, por motivo da transferencia do regimento de cavallaria n.º 7, a *Vitalidade*, inopinadamente, dirigiu navalladas áquelle nosso amigo. O sr. Homem Christo, sem ter ainda rompido com o biltre, que protestava a sua innocencia, replicou com um artigo energico no *Povo de Aveiro*, extranhando que lhe atirasse lama o mesmo jornal que lhe ministrara incenso. O pulha apressou-se a escrever ao sr. Homem Christo, carta de 12 de janeiro de 1902, dizendo:

«O seu artigo de hoje desgostame, e impressiona-me profundamente. Desgostame, em especial por dois motivos:

1.º por dizer que foi incensado na *Vitalidade*; não foi tal incensado; foi ali prestada homenagem aos seus meritos reaes de militar brioso, e á sua illustração honrando dignamente a farda e o nome do exercito portuguez. E' um ponto sobre que nem os seus maiores inimigos manifestam duvidas.»

Basta. Este artigo vae longo e seria superfluo continuar a provar o que já está provado de mais.

Este é, padre Vieira, um dos taes duros golpes a que você se refere. Tão duro que lhe esmigalhou a caveira. A ninguem ficam duvidas do que você é e do que você vale.

Quando você péga na hostia com os dedos do vicio, a hostia faz-se negra. Quando você colloca a bôcca immuda na borda do calix, tolda-se o vinho a que você chama sangue de Jesus. Quando você, do altar, abençoa os fieis, voltando-se para elles, corrompe-se e torna-se fétida a atmosphera. Quando uma mulher lhe ajoelha aos pés, junto do confissionario, levanta-se prostituida e condemnada.

Você é a negação de Deus. Você é uma das provas eloquentes, vivas, inconfundiveis, de que Deus não existe. Se Deus existisse, você, ousando dizer-se ministro de Deus, ousando proceder em nome de Deus, seria marcado a fogo, como demonstração, não diremos já da justiça, mas da vergonha de Deus.

Oh! não. Para não dizermos que Deus é um desavergonhado, diremos que Deus não existe.

E não voltaremos a tratar da sua pessoa em especial. Trataremos dos quadrilheiros de Aveiro em globo, de você proprio por incidencia, quando calhar. De você exclusivamente, proposita-

damente, não, porque de você padre Vieira, já se disse tudo.

Não ha mais nada a dizer.

Ao sr. director das obras publicas

Lembramos a sua ex.ª a necessidade de mandar encanar por meio de canos de folha, as duas canejas que desaguam as agnas do telhado do edificio do lyceu d'esta cidade.

Além d'esses canos damnificarem grandemente a rua que lhes fica fronteira, são tambem excellentes conductores de banhos forçados em occasiões de chuva.

Esperamos que se remedeie essa falta.

JOSÉ LUCIANO

Dizem-nos que o *Campeão das Provincias* vem proclamando que foi addiada a inauguração do retrato do sr. José Luciano porque o concelho se impoz para que o retrato não fosse collocado no lyceu!

Este Barboza de Magalhães está sendo caricato com as suas manias de influencia e grandeza.

Elle proclama aos quatro ventos que corre de Celorico a Aveiro.

Elle proclama aos quatro ventos que a cidade em peso se levanta a favor d'elle para esmagar o sr. Homem de Mello.

Elle proclama aos quatro ventos que toma chá no seu palacete da Vera-Cruz.

Elle proclama aos quatro ventos que toda a familia é cheia de talento.

E proclama aos quatro ventos que o retrato do sr. José Luciano ha de ir para onde elle quiser, porque elle é o concelho de Aveiro e o concelho de Aveiro é elle.

Mas então o *Cabecinha*? O que ha de ser do pobre *Cabecinha*?

Com essa não contou o homem da Vera-Cruz.

Como se tornou caricato, este Barboza de Magalhães!

Vamos a vér o que elle diz quando o retrato fôr collocado no lyceu.

DREYFUS

Renasce em França a eterna questão Dreyfus. Parece que, finalmente, d'esta vez as causas levam verdadeiro caminho e a inculpabilidade do desditoso capitão será provada á evidencia.

Oxalá que assim succeda para honra d'aquelle paiz.

Novo urinol

Consta-nos que a camara municipal vae mandar substituir o urinol do jardim publico por um outro igual ao do Largo Municipal.

Achamos bem entendida a substituição.

Força militar

Marchou ante-hontem para Penafiel sob o commando do sr. capitão Gayo, tendo por subalterno o sr. alferes Gamellas, d'esta cidade, uma força de 80 praças de infantaria 24.

Vêr o folhetim «Olho de Vidro» na quarta pagina.

— Que fazia Deus antes da criação? Dormia. Velava? Se dormir antes da eternidade é como se estivesse morto: Se velava faltava-lhe alguma coisa para a sua felicidade: se tinha precisão n'alguma coisa, não era Deus; se não lhe faltava coisa alguma, para que fez o mundo?

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XI

Trece annos depois

— A viu?! — exclamou Abreu — viu? quem?!

— A morgada de Carrazedo... E, como soffrendo a expansão, o viajante disse:

— Conto estas coisas a vossemecê porque é estrangeiro, e porque ella já morreu, e não tem que temer da inquisição. Que ella andou em Portugal incognita...

— Mas vossemecê viu D. Maria Cabral?! — tornou Francisco Luiz.

— Justamente, D. Maria era o nome d'ella. Vejo que sabe tambem algumas miudezas da tragedia!... Pois vi-a com estes olhos; e vossemecê poderia vê-la tambem, se ella não tivesse morrido em 1718.

— Conte-me o que souber d'essa senhora, que tenho ardentissima curiosidade de saber os successos da vida de tamanhos infelizes...

— Olhe, o modo como o marido lá morreu por fóra, não m'o disse ella... mas, o melhor é contar-lhe desde o principio. Appareceu aquella senhora em Bragança com uma menina de vinte e dois annos.

— Menina! filha d'ella?

— Sim, filha d'ella e do judeu Sá Mourão.

Francisco Luiz de Abreu arquejava, e parecia temer que a vida se lhe acabasse antes de ouvir o remate da historia. Mortificava e, a vontade de ingranzar perguntas em tropel; sustinha-o, porém, já o receio de se privar das miudezas que o pachorrento narrar do homem promettia, já tambem o receio de se fazer suspeito pela demasia do interesse, bem que o sujeito se lhe afigurasse bom homem, e incapaz de o denunciar.

— Então ella tinha uma filha? — insistiu Abreu.

— E' verdade. Linda como a mais linda estrella; mas a mãe, d'aquillo que tinha sido, não lhe restava sombra nem vestigio. Era uma sexagenaria, não podendo ter então mais de quarenta e quatro annos, cá pelas minhas contas, porque ella tinha dezesseis quando fugiu com o judeu da Guarda... Não me lembra o que eu ia dizendo...

— Que appareceu em Bragança D. Maria Cabral com uma menina...

— E' verdade. Chegou a Bragança, e fallava muito confosamente o portuguez, e a filha pouco ou nada dizia. Tomou de renda uma casinha e para alli se metten com duas criadas, que lhe chamavam D. Antonia da Piedade.

Depois de por lá estar alguns mezes, dando muito que pensar á curiosidade da terra, começou a sair com um aspecto muito doentio, a dar passeios a cavallo pelos arredores. Chegou á casa de Carrazedo onde ella tinha nascido, e mandou pedir aos moradores d'ella licença para lá passar as horas da calma. Foi recebida por pessoas que ella nunca tinha visto; mas que eram seus primos e sobrinhos, que tinham ido de Chaves tomar conta da herança de Fernão Cabral. Este fidalgo desherdára a filha, porque as leis lh'o facultavam, e nomeava herdeiros os filhos de uma sua irmã, que elle odiava, por se ter casado com um capitão de cavallos menos fidalgo do que ella. Mas o odio á filha avantajou-se tanto ao odio da irmã, que, em artigos de morte, receiando que os descendentes d'elle ainda viessem perturbar-lhe o somno eterno, desherdou-a e nomeou seus herdeiros os sobrinhos.

(1) D. Maria soffreu voluntariamente algumas horas de martyrio n'aquella casa, e ouviu com entusiasmados olhos contar a uma de suas primas a historia da morgada de Carrazedo, mulher perdida por amor de um judeu da Guarda com quem casara. Soube como tinha sido desherdada e amaldiçoada pelo pae á hora ultima; agradeceu as sôpas que lhe deram os possuidores do seu grande patrimonio, e seguiu seu caminho. Ao escurecer chegou ao portão da minha casa, e perguntou se alli morava ainda, ou se já tinha morrido o doutor José de Barredo.

— José de Barredo! disse Abreu, sem ter mão da impetnosa reminiscencia que lhe acudiu.

— Sou eu. Parece-me dar vossemecê a entender que já ouviu o meu nome?!

Não me é novo... tartamudeou Francisco Luiz.

(1) As leis do reino davam razão de sobra a Fernão Cabral para desherdar a filha, e transferir o vinculo a parentes. Os interesses da relegião sobrelevavam aos mais sagrados vinculos do sangue e da piedade paternal. O pae, que quizesse perdoar as injurias recebidas do filho, poderia fazel-o; mas o desacato ás coisas e prescripções das Decretaes não estava em seu poder perdoar-lo, concedendo o pão da vida a seus filhos. Veja a nota final sobre as leis facultativas do desherdamento.

— Póde ser que Francisco Luiz de Abreu lhe fallasse alguma vez em mim, quando lhe referiu a historia de Antonio de Sá, porque eu, não sei porque fatal compaixão de D. Maria, alguma parte tive nos amores funestos d'elles, prestando-me a receber da Guarda as cartas que elle escrevia á morgada.

— Naturalmente é de Francisco Luiz que eu conheço o nome de vossemecê, disse o doutor Abreu, olhando muito em fito as feições d'aquella velha, que tinha sido em Coimbra um dos seus mais affectos contemporaneos.

— Deixe-me apertar a mão de um amigo de Francisco Luiz — tornou Abreu, apertando lh'a com estremeido de enthusiasmo. — Se elle o pudesse encontrar, sr. Barredo, estou que choraria, estreitando ao coração do homem talvez unico n'este mundo que lhe resta dos que na mocidade o prezaram...

(Continúa.)

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 53000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 65000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e práctico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem t'erão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º — LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

100 RÉIS CADA VOLUME

ROMANCE. POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA

Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 réis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Athenaeo Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recommendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias,ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS  
 Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra  
 Extrahê, obtura, colloca dentes e encarrega se do concerto de dentaduras  
 R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em sacco de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Pelxe — AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas; dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas de «marés» de junco.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL CONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Com.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviamencomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79